

DEFICIÊNCIA AUDITIVA: UMA ESTRATÉGIA CONCRETA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

ANGÉLICA SOMAVILLA¹

GIULIA ZULZLE²

NILVANIA TAVARES³

RESUMO: O trabalho visa analisar a deficiência auditiva no âmbito escolar, com intuito de valorizar o contexto de cada indivíduo surdo e incluir à escola e à sociedade. Uma tarefa em que consiste um olhar mais observador de cada pessoa que convive com o aluno e/ou filho para que se possa acontecer a detecção de sua deficiência e assim sua inserção a uma escola especial. Para essa inserção, os professores precisam estar atentos às necessidades do aluno e suas deficiências, escolhendo o melhor método de ensino que visa a educação *inclusiva* e não apenas integrando este aluno deficiente.

INTRODUÇÃO

Deficiência Auditiva pode ser definida como a incapacidade de ouvir sons, em diferentes graus de intensidade. Em alguns casos há recursos que auxiliam na audição, como: aparelhos e órteses, mas é de grande valor o aprendizado da língua de sinais, Libras.

A comunidade surda gradativamente foi ganhando espaço e está em constante movimento para sua plena inserção à sociedade. Mas ainda este grupo

¹ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas – UDC. E-mail: angelika_sti@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas – UDC. E-mail: giuliazulzle@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas – UDC. E-mail: nilvania_sc@hotmail.com

sofre exclusão, principalmente as crianças em fase escolar. Os pais e professores devem se atentar a sinais importantíssimos que podem apontar certo grau de surdez ou dificuldade de audição; o desinteresse em interação com os colegas pode significar tal preocupação, uma pequena dificuldade de ouvir, dificuldade de interagir, de interpretar e de se expressar pode estar ligada a algum problema de audição. Os professores e a comunidade escolar trabalham observando, investigando com um olhar minucioso cada aluno, para poder ajudar em sua reabilitação ou até mesmo sua entrada em uma escola especial.

Atualmente, as escolas especiais têm como objetivo o cuidadoso aprendizado para estabelecer a linguagem e assim colocá-la em prática com a família do surdo, com amigos e conseqüentemente com sua comunidade e grupos maiores, a isto se deve o nome integração ao meio social. A partir de então o aluno ingressa à escola regular, e com auxílio de intérpretes, continuam em constante evolução e desenvolvimento.

Evolução essa que se dá, a partir de resultados de estudos que vem sendo feito na busca do aprimoramento dos métodos de ensino, e desta forma, haverá uma inclusão positiva e satisfatória tanto para o aluno em desvantagem quanto para a família deste e a comunidade escolar.

Para o presente artigo, optou-se pela metodologia da dramatização, na qual, pensar nessa inclusão, o professor trabalha a compreensão e a interpretação de forma mais concreta. Por conseqüência, esse aluno conseguirá se expressar e escrever compreensivelmente, visto que os alunos com deficiência auditiva têm a dificuldade de transpor suas ideias no papel: escrevem frases sem sentidos, problemas de sintaxe e semântica.

HISTÓRIA E MÉTODOS

A questão de ser identificado como surdo ou alguém com deficiência auditiva implica fatores de identidade desse indivíduo, de sua vida pregressa, se a perda de audição foi antes, após ou durante a fala.

O deficiente auditivo, em algum momento de sua vida, teve a comunicação oralizada, talvez seja por isso a dificuldade de se identificar com a comunidade

surda, que reconhece como língua materna as línguas de sinais e segunda língua o português, por exemplo.

Para Brisol e Valentini (2011), os Surdos são pessoas que tem a sua surdez não como uma deficiência, e sim como outra forma de comunicação que é a língua de sinais, ou seja, eles se consideram bilíngues, ademais, eles valorizam sua cultura, literatura, história e uma pedagogia centrada na criança surda.

Ainda para as mesmas autoras, o deficiente auditivo além de não se identificarem com a comunidade surda, a sua deficiência lhe causa constrangimento. Essas pessoas são identificadas por usarem aparelhos auditivos e fazem esforços para que não seja percebida a sua deficiência (2011).

Depreende-se que as nomenclaturas citadas acima dependem de como o indivíduo se comporta diante de sua condição (para aqueles que se consideram deficientes auditivos) ou surdo (para aqueles que se consideram inseridos em uma cultura que ele próprio se identifica).

Entretanto, temos como conceito base de distúrbio auditivo, segundo Ênio Moura (1993), “qualquer alteração localizada em algum ponto do sistema auditivo e que interfere negativamente na audição, manifestando-se em graus variáveis, incluindo surdez total. (MOURA, 1993, pág.154)

Deste modo, percebe-se que distúrbio auditivo não significa em sua matriz algo que caracterize surdez total do indivíduo. Na sua compreensão temos os vários graus e as distintas classes de surdez, sendo elas de surdez moderada à surdez total.

A surdez é detectada através de um exame que mede as perdas auditivas, este consiste em medir por decibéis a capacidade do indivíduo de ouvir sons, chama-se então de audiometria.

A audiometria é realizada por dois tipos de profissionais, o fonoaudiólogo e otorrinolaringologista, no qual junto a outros equipamentos são capazes de diagnosticar qual a perda auditiva do paciente e orientar sobre quais devem ser os próximos procedimentos para possíveis tratamentos.

O exame é feito em duas fases, sendo estas a audiometria tonal e audiometria vocal, no qual a primeira consiste em emitir tons puros, em diversas intensidades e frequências com o intuito do indivíduo responder a esses sons, entretanto é considerado um teste subjetivo para avaliação do grau e a classe da

perda auditiva, pois este ajudará a ter como base a necessidade ou não de um aparelho auditivo.

Já o segundo, a audiometria vocal, é um exame que capta a capacidade do indivíduo em compreender a fala humana, no qual o paciente ouvirá palavras utilizando fones e reproduzirá as palavras interpretadas.

Existem também outros exames que auxiliam no diagnóstico do paciente, como: impedanciometria ou imitanciometria, que são exames mais direcionados à área do funcionamento do sistema auditivo.

Após o exame o especialista classificará a deficiência auditiva em várias classes, são elas:

- Classe A (Surdez não significativa), a qual é caracterizada pela perda auditiva que não atingem 25 decibéis. Os pacientes com essa classe não apresentam complicações em compreender a fala em tom baixo.
- Classe B (Surdez leve), é a perda auditiva de 25 a 40 decibéis, possui como característica a dificuldade do indivíduo em compreender a fala em tom baixo ou em pouca distância.
- Classe C (Surdez média), a perda fica entre 40 a 55 decibéis e o paciente apresenta dificuldade em entender a fala humana em tom normal. Porém com o auxílio de amplificadores, o paciente, caso for criança, ainda permite aprender a fala sem necessitar de técnicas específicas.
- Classe D (Surdez acentuada) é a perda auditiva de 55 a 70 decibéis, o qual o indivíduo demonstra dificuldade em compreender a fala humana, mesmo que esta esteja em tom alto. Caso diagnosticado em crianças, elas necessitarão de técnicas especializadas para desenvolver a interação social.
- Classe E (Surdez grave) é a perda entre 70 e 90 decibéis e seus portadores só compreendem a fala humana ou em tom muito alto ou através de equipamentos como amplificadores.
- Classe F (Surdez profunda), este sim, ultrapassa os 90 decibéis e os indivíduos dessa classe não compreendem de nenhuma forma a voz humana, mesmo com o auxílio de amplificadores.

Muitas podem ser as causas da surdez, sendo estas: por fatores genéticos ou fatores ambientais, os quais acarretam segundo pesquisas feitas por Moura, 18 tipos distintos de surdez profunda infantil:

A grande maioria dos casos de surdez profunda infantil, cerca de 75%, tem como base genética, envolvendo padrões diferentes de transmissão. Cerca de 40% devem-se à herança recessiva; 18% à herança poligênica; 15%, à herança dominante; e 2%, à herança ligada ao cromossomo X. (MOURA. 1993, pág. 157)

Nos fatores ambientais, a surdez é acarretada por diversas formas, por exemplo, a contaminação da grávida por rubéola no período pré-natal, como também, outros fatores pós-natal, nos quais levam o bebê às doenças infantis (sarampo e caxumba), causando eventualmente a surdez.

Existem alguns sinais sugestivos referentes à perda da audição em crianças, no entanto, devemos nos atentar, tanto professor quanto os pais, aos seguintes sinais: em crianças com idade baixa, a falta de reações aos diversos sons do ambiente como também a sons altos são alguns dos sinais.

Outros sinais também surgem com o passar dos anos e antes mesmo da criança entrar na escola, como: o desinteresse dela em interagir com as pessoas é perceptível; a criança prefere interagir com objetos. Outro sinal nessa mesma fase é que a criança se irrita facilmente, faz “birras” e até mesmo chora, pois como há a dificuldade de ouvir, há também a dificuldade de interagir, interpretar e se expressar.

A partir do momento em que a criança inicia na escola, esses sinais tornam-se ainda mais perceptíveis, pois o aluno não responde aos chamados, compreende melhor apenas quando sua atenção visual é persistente nos gestos e na boca ou quando o aluno possui um atraso escolar.

Há uma importância muito grande em detectar o quanto antes essa perda auditiva, e todos que cercam essa criança devem estar atentos a esses sinais. No início, quando bebê, cabe aos pais o papel de observador, já no âmbito escolar, o professor tem papel fundamental em observar, detectar e registrar (passar aos pais) o que foi observado na criança, como também, permitir que essa criança interaja e seja respeitada pelos outros, garantindo o desenvolvimento do aprendizado dela.

Diante de todos os sinais sugestivos citados acima é que, a família tem a responsabilidade de procurar uma escola, para que a criança possa iniciar seu processo de reabilitação, sem esperar necessariamente que a criança atinja a idade

escolar. Caso a família descobrir o quanto antes as dificuldades auditivas nela, maiores e melhores são as chances de haver uma inclusão/inserção gratificante.

A aquisição de linguagem das crianças com dificuldades auditivas é feita relacionando ao mesmo processo de aquisição de uma criança comum. Deste modo, a precocidade em estimular essa criança com a linguagem, melhor será o desenvolvimento desta em escola regular/ sociedade.

A fim de incluir essas crianças, viu-se a necessidade de escolas bilíngues, as quais preparam o indivíduo com surdez para a integração deste em sociedade e no âmbito escolar regular. Entretanto, antes dessa integração, é preciso que essa criança adquira com ela a língua de sinais, a qual desenvolverá a comunicação com o seu contexto ambiental e social.

O processo é difícil e cansativo para o surdo, segundo Raquel de Carvalho Pereira:

É preciso que o surdo aprenda que cada coisa tem um nome e, que aprenda esses nomes para que pouco a pouco estruture sua linguagem, estabelecendo uma comunicação mais adequada, primeiramente com sua família e amigos e, gradativamente, com outros grupos cada vez maiores. Esta é a tarefa primordial da escola especial, já que apenas ela tem recursos e está aparelhada para tal. (PEREIRA,2008, pág. 48)

Contudo, considerando as diferenças individuais que cada criança possui, a introdução dela em escolas especiais fará com que sua integração no meio social seja menos constrangedora e conseqüentemente menos dificultosa.

Dentro dessas escolas especiais os atendimentos são diferenciados, pois há uma atenção maior às dificuldades momentâneas das crianças, levando em consideração vários fatores como: o grau da dificuldade auditiva, a idade, as relações familiares, a causa e o ano em que a dificuldade auditiva se manifestou.

As crianças com surdez, que têm a oportunidade de estarem inseridas em sistemas educacionais específicas, atingem, na maioria dos casos, um nível agradável de integração social, pois a aprendizagem acarreta mudanças positivas de comportamento e de integração.

Entretanto, a tarefa da escola especial deve, em sua matriz, para obter um bom resultado, possuir o seguinte currículo:

O currículo da estimulação precoce deve envolver as áreas sensoriomotoras, cognitiva e afetiva, com ênfase na estimulação auditiva e na linguagem. É muito importante a valorização do trabalho de estimulação auditiva e linguagem diante dos outros aspectos a serem desenvolvidos, já que é básico para que o restante do planejamento possa ser trabalhado. (PEREIRA, 2008, pág. 46)

Neste tempo de preparação na escola especial, é necessário que sejam enfatizados alguns fatores: a alfabetização e a estruturação da linguagem. Assim as dificuldades das crianças com deficiência auditiva, estarão sendo preparada para a escolaridade básica que virá depois.

Este trabalho segundo Pereira desenvolve vários fatores importantes e básicos como: “estimulação auditiva, estruturação da linguagem, iniciação matemática, educação psicomotora, leitura e escrita, socialização, expressão artística e educação para a vida prática”. (2008)

Com todos esses processos, trabalhando e estimulado os alunos, estes estarão preparados para a integração na escola regular. É importante que a família esteja a par da evolução alcançada pelo aluno. Essa relação concomitante entre família e escola é de suma importância, pois todos visam um bom crescimento mental e físico dessas crianças.

A integração destas, não possui tempo determinado, o tempo é a criança que faz, pois através do desenvolvimento dela é que o professor da escola especial junto à família classifica como possível ou não possível no momento da inserção desta na escola comum, respeitando as características individuais que cada criança possui.

Após inserir o aluno na escola regular, as tarefas, antes feitas em escolas especiais não devem ser interrompidas, pois esta servirá como um “reforço dos conteúdos” trabalhados na escola regular, tornando a integração desse aluno ainda mais produtivo e evolutivo.

Deste modo, buscando a melhor relação entre aluno e professor, em alguns casos, se faz necessário um acompanhante (intérprete ou auxiliar) que conheça os limites dessa criança, auxiliando nesse processo de recepção de conhecimentos/conteúdos, cooperando com a integração deste em sala.

Analisando esses fatores observa-se que:

O objetivo principal da integração escolar do aluno surdo é fazê-lo participar plenamente da vida e das atividades do centro escolar, no âmbito de uma escola realmente inclusiva na qual o professorado tenha altas expectativas com relação a todos os alunos, inclusive, obviamente, os surdos. (SOUZA, 2007, pág. 74)

Existem metodologias das quais, através de exames específicos consegue-se escolher e trabalhar com mais profundidade a dificuldade do discente. São estes:

- Método Verbotonal: é a utilização de cinco técnicas, das quais envolvem o audiovisual, ritmo corporal, musical e individual e o conjunto. Desta forma, criam-se caminhos para adquirir a fala e a linguagem, de forma natural, possibilitando a integração da criança na sociedade. Esta técnica foi criada por um linguista e foneticista chamado, iugoslavo Peter Guberina, no ano de 1954.
- Método Acupédico: seguindo alguns procedimentos considerados chave, este método leva em consideração: a precocidade da descoberta da perda auditiva utilização de AASI; desenvolve a linguagem conforme o padrão normal; cooperação dos pais; treinamentos unissensoriais; o desenvolvimento da fala por feedback auditivo e por último a ensino em escola regular. Desenvolvida por Doreen Pollack, no ano de 1964.
- Método Aural: a abordagem é multissensorial, com base na visão e audição como coadjuvantes na comunicação. Enfatiza aspectos contextuais da comunicação, através da repetição do discurso como auxiliar para a reabilitação do indivíduo. Criado nos E.U.A. por Sanders em 1970.
- Método Áudio + visual de linguagem oral: é multissensorial, a qual visa estimular todos os canais sensoriais, até mesmo a audição, exigindo o uso do AASI. Dá ênfase à linguagem natural ou universal, não trabalhando com a linguagem de sinais. Estas servirão de suporte à compreensão da linguagem oral, da qual conseqüentemente englobará a fala, a voz e a leitura orofacial como também o padrão da língua.
- Método Perdoncini: técnica audiofonatória, foi criada pelo linguista francês Guy Perdoncini, no ano de 1970 e trazida para o Brasil e ajustada à Língua Portuguesa

pela professora linguista Alpia Couto. Basicamente a técnica consiste na abordagem unissensorial, em que busca adquirir através da audição uma linguagem.

Este método trabalha com o resíduo auditivo como auxiliar no processo de ligação para com a fala, a voz, e a linguagem, tendo como apoio o sentido visual e a necessidade particular da criança.

Também desenvolve a linguagem a partir da emissão de uma boa melodia antes mesmo de conseguir uma articulação boa, trabalhando com o fonético da criança.

A partir dessas técnicas metodológicas percebe-se que todas têm como princípio algumas características como: a naturalidade, que está inserido na capacidade de cada criança; desenvolvimento, a evolução das potencialidades; movimento, do qual consistente no trabalho dinâmico; expressão, utilizando da capacidade expressiva da criança; afetividade, que trabalha com a transferência de segurança e alegria à criança; envolvimento familiar e estímulos dos mais variados tipos.

Além destes métodos apresentados, tem-se também o emprego do bilinguismo em pessoas com surdez, no qual consiste em adquirir o domínio de outra língua: Língua de Sinais. Esta considerada entre os estudiosos como a língua materna dos surdos, a qual permite formar entre esses indivíduos uma comunidade (cultura).

A Comunicação Total acredita que a Língua de Sinais é fundamental para o indivíduo surdo, assim como, as demais formas de comunicação, ou seja, oralização, AASI, gestos naturais, expressão fácil, alfabeto digital, leitura orofacial, leitura da escrita e principalmente o Bimodalismo, ajudando assim o Surdo a desenvolver o vocabulário, linguagem e conceitos de ideias entre o Surdo e o ouvinte. (PEREIRA, 2008, pág.10)

Estas características empregadas nas diversas técnicas metodológicas fazem com que o indivíduo evolua progressivamente em sua vida, possibilitando a integração deste no meio social.

PLANO DE AULA: FUNDAMENTAÇÃO⁴

Para uma melhor compreensão da metodologia escolhida, leva-se em consideração o fator aluno deficiente auditivo em seus atrasos de aprendizado. Desta forma, prima-se pelo seu desenvolvimento na linguagem oral, da escrita e consequentemente da sua capacidade de compreensão e interação com o meio.

Ao apresentar a crônica “Tragédia brasileira”, talvez este aluno deficiente auditivo fique em desvantagem em relação aos demais alunos ouvintes. De modo que as etapas apresentadas na aula será: 1) leitura oral da crônica; 2) apresentação visual da crônica e 3) a participação e envolvimento dos alunos na apresentação do telejornal.

De acordo com Pinotti e Boscolo, foi realizada uma pesquisa⁵ entre alunas surdas e alunas ouvintes, e constatou-se que as alunas surdas apresentaram uma deficiência de aquisição no desenvolvimento da linguagem e, por conseguinte, dificuldade de se expressar.

Nesta pesquisa, foi trabalhado um conto em que nos primeiros momentos era feita a leitura e elas respondiam questões pertinentes. Observou-se, com isso, uma dificuldade na compreensão e interpretação, errando a maioria das questões, outrora reescrevendo trechos do texto que não faziam sentido de acordo com as questões. Após, foi feito uma dramatização na qual foi realizada apresentação das personagens por meio de exposição em transparência concomitante realizada a dramatização com a participação das deficientes auditivas. Depois, foi apresentado o mesmo questionário às alunas, e os resultados foram satisfatórios com acertos na maioria das questões e em algumas foram escritas frases sem sentido, porém com palavras que sugerem a compreensão. (PINOTTI, BOSCOLO 2008)

Com esta demonstração, acredita-se que os alunos deficientes auditivos/surdos têm dificuldades no desenvolvimento na linguagem porque lhes falta a habilidade linguística abstrata.

⁴ Em anexo na página 11-13

⁵ Ver. Bras. Ed. Esp., Marília, Jan.-Abr. 2008, v.14, n.1, p.121-140

São privados da compreensão de diálogos com palavras usuais do repertório dos ouvintes, e, em consequência, do sistema conceitual do grupo sociocultural predominante do qual participam, eles não internalizam muitos dos conceitos, sobretudo os abstratos, e, com isso, não ascendem ao domínio satisfatório da função planejadora e organizadora. (PINOTTI & BOSCOLO, 2008)

Sendo assim, os deficientes auditivos precisam desenvolver essa capacidade de compreensão, no entanto, os professores precisam tornar essa linguagem abstrata de forma mais concreta, mais “palpável” para que se chegue num domínio linguístico satisfatório: desenvolver o léxico, o semântico, a interpretação e compreensão. Com isso, ajuda o aluno a sair do nível de codificação e decodificação para que ele entenda e compreenda o sentido do que “ouviu” e do que leu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que foi observado a partir do estudo, que dentro de um contexto de deficiência auditiva, cada aluno tem suas particularidades e é um ser único, cada um possui sua dificuldade e sua capacidade. A aprendizagem da Língua de Sinais e a escola especial propiciam aos alunos surdos mudanças em seu comportamento e em seu desenvolvimento, a estruturação da linguagem assegura sua socialização e educação para toda a vida como cidadão atuante na sociedade.

Neste contexto, é imprescindível a relação pais/professores, pais/escola, sujeitos atuantes para a detecção das dificuldades e capacidades dos filhos/alunos. A responsabilidade deve ser mútua, o respeito às particularidades, o contexto de cada indivíduo, a sua história se deve ao fato dessa aproximação e dessa harmonia entre as duas partes do meio do deficiente auditivo.

REFERÊNCIAS

BISOL, C. A & VALENTINI, C. B. **Surdez e deficiência auditiva – qual a diferença? Objeto de aprendizagem Incluir** – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em:

http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf. Acessado em: 14/05/2015.

MOURA, Ênio. **Biologia educacional: noções de biologia aplicadas à educação**. São Paulo. Moderna, 1993, 336 págs.

PEREIRA, Rachel de C. **Surdez- Aquisição de linguagem e inclusão social**. Rio de Janeiro. Revinter Ltda, 2008, 88 págs.

PINOTTI, Kele Jaqueline & BOSCOLO, Cibele Cristina. **Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Jan.-Abr. 2008, v.14, n.1, p.121-140.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v14n1/a10v14n1.pdf>. Acessado em: 02/ 06/ 15.

SOUZA, Regina Maria de. SILVESTRE, Núria. ARANTES. Valéria A. **Educação de surdos: pontos e contrapontos**. São Paulo. Summus, 2007, 207 págs.

ANEXOS

1. PLANO DE AULA

TURMA/ SÉRIE: 9º ano

1.1 TEMA

Trabalhando gêneros, variação linguística entre ouvintes e não ouvintes, interpretação e compreensão, sintaxe, semântica.

2.1 OBJETIVOS

- Apresentar as formas de como o deficiente recebe a linguagem;
- Trabalhar a inclusão social;
- Trabalhar a linguagem escrita e dramatizada, envolvendo a interação de ambos grupos;
- Desenvolver a capacidade de compreensão do deficiente auditivo;
- Desenvolver a comunicação.

3.1 CONTEÚDOS

- Interação social
- Linguagem

·Reconhecer limites e diferenças entre indivíduos

4.1 DURAÇÃO

As atividades serão realizadas em quatro aulas.

5.1 RECURSOS

Livro didático do colégio para o estudo do conto, multimídia (se assim os grupos que irão apresentar, decidirem pelo equipamento opcional), mesas para a apresentação do jornal, cartazes e materiais que remetem a um microfone para a interpretação e folha de questionário contendo cinco questões impressas na biblioteca para 30 alunos.

6.1 METODOLOGIA

6.1.1 Apresentação da crônica, leitura oral com o texto e o acompanhamento de um intérprete para os alunos surdos.

6.1.2 Apresentação do vídeo no youtube com a dramatização de “A tragédia brasileira”⁶.

6.1.3 Dramatização

Logo após os alunos terem acompanhado a leitura e terem visto os slides para a apresentação das personagens de forma mais lúdica, o professor pedirá aos alunos que formem cinco grupos de seis alunos (sala com 30 alunos) para apresentarem um “telejornal”, criando uma notícia para a crônica “A tragédia brasileira” de Manoel Bandeira. Nesta “dramatização” fará participação o aluno surdo em todas as apresentações em conjunto de outros colegas, sob supervisão do professor.

7.1 AVALIAÇÃO

A avaliação será feita a partir da participação dos alunos e o envolvimento destes com a dramatização e na sequência será respondido um questionário de cinco questões. Nestas questões serão avaliadas a interpretação e a compreensão, a sintaxe e a semântica, sobretudo com os alunos deficientes auditivos, uma vez que

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=3UzCcBo4OHU>. Acessado em: 10/06/15

estes apresentam dificuldades no domínio da Língua Portuguesa e desta forma, a dramatização se torna mais concreta à compreensão e consequentemente a estrutura das frases e a semântica saem do abstracionismo, tornando a gramática mais “palpável”.

2. TRAGÉDIA BRASILEIRA

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa – prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura.... Dava tudo o que ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bom Sucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manoel Bandeira

Extraído do site: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/manoel-bandeira/tragedia-brasileira.php>. Acessado em: 10/06/15

3. QUESTIONÁRIO

Responda as questões abaixo de acordo com o que foi discutido em sala. Será avaliada a interpretação e a compreensão, sintaxe e semântica.

- 1) Descreva a intenção do autor ao citar a idade de profissão de Misael.
- 2) Você acha que Maria Elvira amava Misael? Por quê?
- 3) De acordo com o texto, transcreve o clímax da trama.
- 4) Faça uma análise de 10 linhas sobre o texto.
- 5) Transforme a crônica em uma notícia de jornal.